

TRIPLEX FUNICULUS DIFFICILE RUMPITUR



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 183 JULHO A SETEMBRO 2016

Redação e Correspondência:

UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA
Tel.: 253 951 257

Diretor:

Alberto Melo
Chefe de Redação:
Francisco Pinto
E-mail:
ases@portugalmail.pt

Propriedade:

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

Distribuição:

ASES

Periodicidade:

Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

Tiragem:

1600 Exemplares
Assinatura Anual: 5,00 €
Composição e Impressão:
Tadinense - artes gráficas
www.tiptadinense.pt

EDITORIAL

Espiritanos em Portugal há 150 anos



(Chegados a Portugal em 1867, contam atualmente com cerca de 120 elementos espalhados por 11 comunidades do país).

A Missão da Congregação do Espírito Santo estendeu-se a Portugal por causa de Angola. Cresceu muito a pensar no investimento pastoral que as missões angolanas exigiam. Ali ofereceu

muitas vidas, algumas ceifadas na flor da idade ou através de violências bárbaras. Mas também foi ali que se experimentou a alegria da Missão, a felicidade de ver um povo crescer na fé, na educação, na saúde, no desenvolvimento integral.

Após a independência de Angola, os Espiritanos portugueses chegaram a todos os continentes e por lá vão semeando a boa notícia do Evangelho e o respeito pela dignidade e direitos humanos.

Na senda do Papa Francisco que pede uma 'Igreja em saída', os Espiritanos tentam dar corpo ao que o Pontífice sugere no documento programático 'A Alegria do Evangelho' (2013): Não deixemos que nos roubem o entusiasmo missionário! (nº 80)... Na Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2016, o Papa elogia o papel dos Missionários, quando afirma: 'Eles sabem, por experiência, que o Evangelho do perdão e da misericórdia pode levar alegria e reconciliação, justiça e paz'.

Portugal reconhece nos Missionários Espiritanos uma Congregação que deu e dá muito de si lá fora e cá dentro. No tricentenário, em 2003, os Bispos portugueses publicaram uma Nota Pastoral com o título 'Fazer-se ao largo, com a força do Espírito. Os 300 anos dos Missionários do Espírito Santo'.

Diz-se: 'A Igreja em Portugal e a própria sociedade portuguesa, que ao longo de mais de cem anos vem beneficiando da sua ação, não podem ficar alheias à celebração desta efeméride' (nº 1). A concluir, o Episcopado faz votos para que esta Congregação, num dinamismo de fidelidade criativa, dê mais visibilidade à 'missionariedade' da Igreja' (nº 6). O desafio continua atual.

É preciso fazer uma memória agradecida do passado, viver o presente com paixão e construir o futuro com esperança.

P. Tony Neves,
Sup. Provincial

HOMENAGEM

Padre José Maria de Sousa, CSSp

ALFENA - 22 DE OUTUBRO

PROGRAMA:

12h00 - Concentração
13h00 - Almoço
14h30 - Ensaio Coral
16h00 - Homenagem

*MAIS INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES VER:
HOMENAGEM PÁG. 4*

MAGUSTOS

DOMINGO - 6 DE NOVEMBRO

SEMINÁRIO DA SILVA - CISM
Família espiritana – 09h às 17h

*Participação ativa dos ASES do Minho
com LIAM-JSF-FRATERNIDADES-MOMIP*

CENTROS DE ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA
Bragança – Porto - Coimbra
Torre d'Aguilha

ASES - SÃO PAIO DE OLEIROS

SÁBADO - 12 DE NOVEMBRO

Organização Núcleo da Feira

Carlos Seixas
T. 220 805 687 | Tlm. 964 076 126
ases@portugalmail.pt

SEMINÁRIO DE FRAIÃO

SÁBADO - 19 DE NOVEMBRO

ENTRADA NO FRAIÃO HÁ 50 ANOS

BODAS DE OURO 1965/2015

BODAS DE OURO 1966/2016

INSCRIÇÕES: VER PÁGINA 3

NOTÍCIAS BREVES

FESTA DO CORPO DE DEUS EM PENAFIEL

No dia 27 de Maio de 2016, dia seguinte à Festa do Corpo de Deus, ocorreu o lançamento do Livro “Corpo de Deus - Festa do Triunfo Eucarístico” do P. José da Cunha Duarte. Estiveram presentes, além da Vereadora da Cultura da Câmara de Penafiel, vários colegas dos ASES como o Agostinho Tavares e o Custódio Coelho, entre outros. Apesar de uma tarde de chuva a assistência que encheu a Sala dos Ofícios do Museu acompanhou interessada o evento. A apresentação do autor do livro, que reflete um aturado trabalho durante mais de 10 anos, esteve a cargo do Rogério Carmona. O P. José da Cunha Duarte falou depois sobre a história da Festa do Corpo de Deus desde a Idade Média. O texto do livro, extremamente bem apresentado, vem acompanhado de muitos documentos e imagens da Procissão por toda a Europa e de um modo especial das realizadas em Penafiel, de onde o autor é natural, e em São Brás de Alportel onde o P. Cunha exerce o ministério pastoral. (Ver artigo nas págs. 12 e 13)

O livro voltaria a ser apresentado na tarde do dia 8 de Julho de 2016 à população de São Brás de Alportel no Museu do Traje de São Brás, uma criação do P. Cunha Duarte em 1987.

PEREGRINAÇÃO DA FAMÍLIA ESPIRITANA

Nos dias 2 e 3 de Julho decorreu a peregrinação espiritana a Fátima em que participaram os diversos grupos e movi-

mentos que fazem parte da Família Espiritana que juntou milhares de pessoas. Perdidos na multidão os ASES marcaram presença, ainda que diminuta, como o atesta o estandarte que o Rodrigues Ferreira transportou com pundonor, salientando-se o seu fundo azul numa onda branca das bandeiras liamistas. Participamos ativamente na autoria elaboração da Saudação com a qual se deu início a esta jornada de fé e louvor à Virgem Maria.

Este ano, a peregrinação teve como tema “Aliar a Missão à Misericórdia”, tendo sido presidida por D. Teodoro Tavares, natural de Cabo Verde, jovem bispo espiritano de Ponta de Pedras, na Amazônia/Brasil.

O evento foi inserido na ‘pré-temporada’ da celebração do Jubileu dos 150 anos a abrir oficialmente no próximo dia 8 de setembro e que assinala a chegada da congregação a Portugal no ano de 1867.

MAAES – MEMÓRIAS DOS ANTIGOS ALUNOS (Colégios e Seminários) DO ESPÍRITO SANTO

Aprovada que está a publicação de FALAR, aguarda-se a sua apresentação, em Alfena, por ocasião de uma homenagem conjunta a prestar pela Paróquia e pela Congregação, no próximo dia 22 de Outubro, ao P. José Maria de Sousa. (Ver Homenagem... pág. 4)

Assim fica completa a trilogia que começou com o PENSAR (edição esgotada) passando pelo AMAR (em distribuição)

para terminar com o FALAR (em vias de apresentação) para fecho da tríade que, assim, se completa.

FALAR contém (embora se possam levantar algumas reservas de pormenor), sabedoria e mensagem de peso capazes de, em conjunto com AMAR e PENSAR, garantir um legado da nossa vivência ligada à CSSp, no que toca ao ensino e à formação intelectual e ética que nos foram oferecidos pelos Padres e Irmãos da Congregação, aqui corporizados pelo Pe. José Maria de Sousa através da sua mensagem publicada em seus livros. Esta edição do FALAR será de 500 exemplares a distribuir pelo preço de 10,00 euros cuja publicação será feita em parceria LIAM/MAAES, como havia sido aprovado.

“Lusofonias com Missão”, da autoria do P. Tony Neves, de que havíamos celebrado uma impressão conjunta com a Editorial LIAM, foi assumida por esta por pertinentes motivos indicados pelo seu autor.



NOTÍCIAS DA CONGREGAÇÃO⁽¹⁾

CONSELHO PROVINCIAL E NOMEAÇÕES

O Conselho Provincial esteve reunido em Godim, a 14 e 15 de junho. Entre os vários assuntos de ordem administrativa tratados, mereceu especial ênfase a reabilitação do Pavilhão Sul, no Fraião, tendo sido constituída uma comissão que, com o acompanhamento do Conselho Provincial, superintenderá no desenrolar dos trabalhos/obras de redimensionamento adequados a novas realidades e finalidades.

No respeitante à reorganização económica da Província, dando cumprimento a artigos específicos da Nova Concordata de 2004, tendo em vista a separação

das atividades fiscais das meramente religiosas, foi criada, em 2 de junho de 2016, a empresa “SPIRITANI-Gestão, Unipessoal, Lda”, com NIF diferenciado e próprio, para gestão dos bens e rendimentos materiais em ordem ao pagamento de impostos que recaem sobre atividades da LIAM, imóveis e casas de acolhimentos (equiparadas a hotéis) ... ficando com cobertura legal as atividades de índole fiscal, passíveis dos respetivos impostos.

(Refira-se o elevado montante resultante da avaliação dos imóveis (Santo Amaro/Estrela em Lisboa e Torre d’Aguilha/Cascais...) a passar a casa

das duas dezenas de mil e tantos euros de IMI).

Foram deliberadas as nomeações de:

P. Eduardo Miranda Ferreira, Superior da Comunidade da Silva, 3 anos; P. Duarte de Jesus da Silva Costa, para S. Brás de Alportel; P. Paulinus Anyabuoke, para a Estrela-Lisboa, para a Animação Missionária; P. Edward Apambila, para Viana do Castelo, para Animação Missionária; P. Domingos de Matos Vitorino, para Coimbra; P. Tarcísio dos Santos Moreira, para Viana do Castelo; Ir. Salvador (Adriano Tomás dos Santos), para a comunidade de Coimbra.

O Ricardo André Azevedo fará o Ano de

Pastoral em Braga, residindo no CVE e apoiando o I Ciclo de Teologia.

O P. José Ribeiro Mendes foi nomeado por D. Manuel Clemente, Patriarca de Lisboa, como Capelão do Hospital de Sant'Ana, na Parede – Cascais

CONSELHO GERAL ALARGADO

Como fora referido no anterior UNIASES, pág. 17, - Boletim nº 182 – o Conselho Geral Alargado reuniu em Roma de 19 de junho a 2 de julho, com representantes espiritanos dos 65 países, campo de labuta árduo, que debateram os grandes temas e problemas que preocupam atualmente a Congregação, apontando novos rumos, que importa rasgar horizontes ao encontro da Missão. A messe é grande, poucos os obreiros.

Foi avaliado o caminho percorrido a partir do anterior Capítulo Geral realizado em Bagamoyo – Tanzânia – no ano de 2012. Debateram-se questões importantes para a Congregação hoje e amanhã, tais como: o plano de animação geral, as novas iniciativas no âmbito da educação, as exigências da formação espiritana hoje, as finanças ao serviço da Missão, a partilha de espiritualidade e missão com os leigos, as problemáticas relacionadas com a justiça, paz e integridade da Criação, bem como a comunicação, o diálogo inter-religioso...

Momentos fortes, constituíram os testemunhos transmitidos de quem está na linha da frente da Missão, casos do Vietname onde a liberdade religiosa é muito frágil e do Sudão do Sul, em constante contexto de clima de guerra e perseguição

As deliberações assumidas em assembleia, foram confiadas ao Conselho Geral que fará aplicar as orientações e estratégias aprovadas para os próximos quatro anos até à realização, em 2020, do próximo Capítulo Geral.

De assinalar, fora dos trabalhos propriamente ditos, mereceram destaque dois momentos especiais: a participação numa eucaristia presidida pelo Papa Francisco, por ocasião da solenidade de São Pedro e São Paulo, e a celebração jubilar dos 50 anos de presença espiritana em Roma e presidida pelo Superior Geral, o P. John Fogarty.

2º CAPÍTULO PROVINCIAL DE MOÇAMBIQUE

Realizou-se de 6 a 13 de julho o 2º Capítulo Provincial de Moçambique, na cidade da Beira no novo seminário espiritano, projeto apoiado pela Província Portuguesa, inaugurado durante o

encontro por D. Cláudio Arcebispo da Beira.

A presença espiritana espalha-se por quatro comunidades no Norte e Centro do País: Itoculo, Nampula, Inyazónia e Beira, num total de 10 espiritanos originários de sete países diferentes (Angola, Cabo Verde, Congo, Zâmbia, Zimbabue, Irlanda e Portugal). Para um melhor enquadramento geográfico e já que é a menos conhecida, Inyazónia fica nas proximidades da fronteira com o Zimbabue, junto à estrada chamada de “corredor de Tete” que liga o Malawi e a Zâmbia ao grande porto da Beira

O P. José de Sousa, ecónomo Provincial, da comunidade da Estrela-Lisboa foi o representante da Província Portuguesa e moderador no Capítulo do Grupo de Moçambique que elegeu o angolano P. Alberto Tchidemba como o novo Superior do Grupo de Moçambique substituindo o P. Raúl Viana, anterior Superior.

8 DE SETEMBRO E JUBILEU

A data de 8 de setembro sempre foi assumida como imagem de marca e tempo favorável à Congregação de que são testemunho a emissão dos primeiros votos/profissões e/ou os votos perpétuos dos candidatos à vida religiosa e missionária nos espiritanos.

Assim aconteceu ao longo dos anos; este ano não se fugiu à regra. No CESM - Seminário da Silva -, em Barcelos, professaram na Congregação do Espírito Santo dois jovens (Atanásio Tavares e Bernardino Semedo), um fez os votos perpétuos (André Ricardo Azevedo) e outros celebraram o jubileu dos 50 anos de Ordenação (P. Manuel Durães, P. Manuel Viana e P. Veríssimo Teles) ou da Profissão Religiosa (P. António Marques de Sousa, P. Fernando Ferreira Pinto e P. Tarcísio Santos Moreira).

Ainda, neste 8 de setembro de 2016, foi solenemente aberto o Jubileu dos 150 anos da chegada da Congregação a Portugal cuja celebração e comemoração decorrerá até ao primeiro fim de semana de novembro de 2017 com manifestações de índole cultural e missionária alusivas à sua Missão. Tempo propício para reflexão e adequação de projetos à realidade atual para fazer face aos desafios que se apresentam e/ou que, facilmente, se adivinham.

OBRAS NO FRAIÃO

Sempre com o acompanhamento dos responsáveis económicos da Congregação, prosseguem a bom ritmo as obras de beneficiação e requalificação

no Seminário do Fraião com a adaptação a novas valências a incidir na ala do Pavilhão Sul com a desventração do espaço interior e possível construção de uma cave na fundação do mesmo para melhor circulação do ar para combater a humidade com que se debatia o piso do rés-do-chão.

(1) Fontes: Missionários Espiritanos, Julho 2016; AM, Agosto/Setembro 2016;

SÁBADO - 19 DE NOVEMBRO BODAS DE OURO SEMINÁRIO DE FRAIÃO



INSCRIÇÕES:

Godim 1963

Miguel Angelo

Tlm. 917 641 304

miguelangelov@gmail.com

António Alves Pereira

Tlm. 917 109 912

aalvpereira@gmail.com

Godim 1964

José Costa Machado

Tlm. 969 059 230

zecostamachado@gmail.com

Manuel Assunção Casalta

Tlm. 963 852 226

mcasalta@gmail.com

VIANA 1963

Dr. José Gama Oliveira

Tlm. 964 028 054

jose.oliveira5321@gmail.com

Guilherme Castilho

Tlm. 966 857 433

castilho@portugalmail.pt

VIANA 1964

Fernando Faria Torre

Tlm. 962 876 009

fftorre@gmail.com

HOMENAGEM AO P. JOSÉ MARIA DE SOUSA

Na Rota das Celebrações Jubilares dos 150 anos
Alfena/Valongo – 22 de Outubro de 2016

A Direção

Pela conjugação de esforços, envolvendo o Pároco de Alfena/Valongo e a Congregação, no dia 22 de outubro será rendida uma homenagem ao P. José Maria de Sousa à qual os ASES se querem associar e fazer representar, manifestando a estima e gratidão por tudo o que receberam; homenagem implícita e extensiva a todos os membros espiritanos que contribuíram para a formação humana dos seus (ex-) alunos. Para além da apresentação e divulgação da tríade de publicações PENSAR/AMAR/FALAR, que constituirá um ponto fulcral da homenagem, pensamos numa intervenção/interpretação nossa sobre partituras musicais (rapsódias) de autores espiritanos abafadas na poeira do

tempo e às quais pretendemos dar vida. Uma vez mais, este ano, não se realizou o Encontro das Beiras por não terem aparecido voluntários locais que tratassem da logística. A Direção, por mais que idealize a sua inclusão no Plano Anual de Atividades, não força vontades embora saiba que tais encontros têm grande impacto na consolidação da UNIASES. Com este não queremos substituir aqueles encontros beirões de saudosa memória!

Assim, apelamos a todos para que compareçam em força neste ato de justo preito ao P. Zé Maria como figura eloquente das letras e do pensamento filosófico. Importa, pois, uma presença viva. Força, que seremos capazes! Basta querer...

Por questões de reserva/marcação de lugares no restaurante, é imprescindível que se façam as respetivas inscrições, o mais rápido possível, até ao dia 18.

Seria bom que se cumprisse com zelo o programa assim alinhavado:

12h00 – Concentração junto à Igreja Paroquial de Alfena;

13h00 – Almoço (modesto, frugal com: entradas simples, sopa, 1 prato, sobremesa, bebidas e café);

14h30 – Ensaio Canto Coral.

16h00 – Tempo de homenagem

Recolha de inscrições:

Timóteo Moreira – 91 97 26 907

Cunha Pinto – 91 94 41 970

Alberto Melo – 96 96 90 551

Até lá!..

POR MARES E ARES DANTES “NAVOADOS”

Crónica de saudade da Guiné – 3 (Continuação do nº 182)

Timóteo Moreira

Para não massacrar mais os leitores vou terminar com este 3º texto a 2ª viagem da UASP à Guiné-Bissau de 18 a 25 de Março de 2016.

As cerimónias da 5ª Feira Santa na Catedral foram um momento alto nesta viagem. A Catedral estava cheia de gente que participou activamente nas cerimónias. A alegria e os movimentos do grupo coral davam-lhes outra vida diferente do que é costume em Portugal. Certamente que os altifalantes fora da Catedral não incomodavam os guineenses de outras religiões.

Na manhã do dia 25 voltei de novo a Bissau visitando outros lugares com um companheiro que fora Professor durante um ano no Liceu de Bissau. Lá estava esse Liceu do tempo da guerra e a precisar de obras. Conversámos com Professores que estavam a prestar provas de exame de Português. Visitámos várias zonas de Bissau e mais demoradamente o cemitério junto ao Hospital Simão Mendes. As dezenas ou centenas de campos de soldados portugueses que lá ficaram estavam impecavelmente pin-

tadas de branco e sem ervas nesses talhões, o que contrastava com os outros espaços e as outras campas, mesmo de ilustres pessoas.

Concluída a viagem importa tirar algumas conclusões.

O sol, as nuvens e o calor e a claridade do céu da Guiné mantêm-se como antes do 25 de Abril. Já não encontrei a nudez daquele tempo, mas a pobreza não deve ser muito diferente. As casas do tempo colonial estão muito abandonadas, mesmo que ainda ocupadas. O alcatrão estava a ser espalhado por mais ruas de Bissau.

A nova avenida entre Bissau e o aeroporto está rodeada de muitas casas de 3 e 4 pisos, com vários edifícios governamentais, para tribunais, para bancos, etc. Estes edifícios são muito bonitos. Mas fora das ruas principais aparecem a terra batida, o lixo e as valas.

É pena que os partidos e o Presidente República se não entendam. É pena que as pessoas sintam que há muita burocracia e que os funcionários não tenham mais rentabilidade. Ser polícia é



um posto e por vezes gostarão de complicar. O povo é simpático e sorridente e conversa connosco sem qualquer problema.

A calma e o sorriso de quem abnegadamente trabalha nas missões e obras católicas desarmam quem possa estar de pé atrás ou aborrecido pelo calor ou pelas dificuldades. Esta viagem foi um passeio um pouco duro, mas foram oito dias de alegria constante e contagiante entre todos nós.

Foi com alegre saudade que NAVegámos parte dos mares da Guiné e que VOámos nos seus ares.

AINDA A ASSEMBLEIA MAGNA DE 2016

A Direção

No anterior Boletim n.º 182, de Abril a Junho de 2016, foi dada a notícia detalhada na página três sobre o desenrolar da MAGNA de 22 de Maio, no Fraião.

Indesculpável foi a omissão nominal dos elementos que compõem os Órgãos Sociais da Associação dos Antigos Alunos do Espírito Santo – UNIASES – e que nessa Assembleia Geral foram eleitos.

Para colmatar tal lacuna, nos penitenciamos do lapso verificado trazendo para aqui a composição onomástica do seu respectivo elenco, eleito por unanimidade e aclamação com imediata tomada de posse

As nossas desculpas.

(Eleitos por unanimidade e aclamação na Assembleia de 22/05/2016 com imediata tomada de posse.)

CORPOS SOCIAIS UNIASES

Biénio 2016/2018

MESA DA ASSEMBLEIA-GERAL

Presidente	Timóteo Jorge Moreira(G55)
1º Secretário	Manuel Santos Lopes (G52)
2º Secretário	José Herminio Costa Machado (G64)

DIREÇÃO

Presidente	Alberto Ribeiro de Melo - G55
Secretário	José Nepomuceno Silva Dias- G57
Tesoureiro	Francisco da Cunha Pinto – V56
Vogais	António Rodrigues Ferreira – V57 Albano Martins de Sousa – V67

CONSELHO FISCAL

Presidente	Isidro Manuel Amaral Linhares – V73
Vogais	Manuel Costa Pereira – V69 José Manuel Santos Martins – V66

CURIOSIDADES

A Outra Face do “Constantino”

Sócio 109

No Boletim UNIASES n.º 159 – Julho a Setembro de 2010 – dava-se conta do sucesso escolar dos alunos que, nas décadas de 50 e 60 de noventa, do Fraião desciam ao Liceu Nacional de Sá de Miranda para prestar contas no final do 2º e 3º Ciclo Liceal do Curso Geral e do Curso Complementar que, à época, eram designados pelo 5º e 7º anos e que hoje corresponderiam, com mais qualificação, aos atuais 9º da EB2/3 e 11º anos do Secundário.

A auréola do saber e do conhecimento, à semelhança da fama do Brandy Constantino, já vinha de longe, desde os primórdios da fixação da Congregação em Portugal. As pautas afixadas nos átrios e corredores do Liceu Nacional de Braga eram disso o eloquente comprovativo. A título de mera curiosidade refiro que dos 25 alunos levados à prestação de provas finais do 7º ano (3º Ciclo) no ano de 1962, 14 mereceram a distinção com média igual ou superior a 15,5, ficando aprovados os restantes 11 com boas médias finais, tendo 6 destes últimos atingido a distinção por junção das no-

tas das disciplinas internas de Religião e de Música ministradas no seminário.

Vinte e quatro ingressaram na Silva, onde funcionava o Noviciado, aos quais se juntariam mais sete oriundos de outras procedências: 1 diocesano, 1 angolano e 5 espanhóis.

Terá sido sempre assim nos anos subsequentes? Nem sempre.

A ajuizar por fonte documental escrita que, acidentalmente, me veio parar às mãos sem que para tal tenha mexido uma palha, era referido que, nos anos de oitenta, por ocasião de um retiro no Fraião, fora pedido aos diretores das casas de formação presentes uma panorâmica geral sobre os resultados finais do 9º ano e consequente ingresso na Silva (10º ano) para continuação dos estudos, ‘motivado pela impressão desagradável dos resultados obtidos e do pequeno número que prosseguir(ri) a formação’.

A tal panorâmica apresentada não era propriamente favorável. Nos anos letivos de 1977/78 a 1980/81 apresentaram-se a exame 83 alunos, tendo reprovado 32 e 22 ingressaram na Silva, no 10º ano.

Nos anos seguintes, 1981/82 a 1982/83, verificou-se uma pequena melhoria. Dos 28 alunos levados a exame, reprovaram 7, tendo 16 passado à Silva.

Ressalta assim, à primeira vista, uma dupla crise, vocacional e letiva/curricular. Se para a primeira os motivos são meramente do foro interno/pessoal do aluno, já para a segunda são apontados vários fatores que contribuíram para a sua instabilidade e menor aproveitamento, tais como; ‘a ausência de tempos livres para estudar...’, o grau de dificuldade dos exames que não têm sido fáceis..., a mudança de professores nalgumas disciplinas e consequente sinuosidade/descontinuação no método de ensino...

À guisa de exemplo, comprovando parte do acima escrito, referia o tal documento ‘ipsis verbis’: os alunos que este ano (1983/84) vão para aí (Silva), apenas conjugaram verbos, em Francês, e embora tivessem gramática nunca a viram. Apenas com 2 aulas ou se aprende gramática ou se pratica leitura e aprende vocabulário e no fim nem uma coisa nem outra.

Desabafo legítimo no nosso entender, corolário do ensino ministrado à época quer dentro quer fora do seminário.

A terminar, uma desculpa piedosa: “o mal dos outros não deve ser motivo de alegria para nós, mas o Seminário do Sr. Arcebispo e o Montariol (franciscanos)

este ano (1982/83) levaram a exame 39 alunos e 18 ficaram reprovados”.

Resumindo e concluindo: há sempre duas faces ou facetas (o verso e o seu reverso) ou no melhor pano cai a nódoa. Não será por isso que a fama do ‘Constantino’ se diluirá. Não obstante, o Fraião

continuava a erguer o guião de “*primus inter pares*” ou seja: entre iguais/semelhantes, sempre na vanguarda.

Nota: Nas citações, o parentético é de nossa autoria.

Do Baú das Recordações

Gostaríamos de dar continuidade à rubrica, hoje e aqui iniciada. Para tal contamos com a colaboração de todos os que o queiram fazer, enviando-nos, para publicação, imagens em ‘jpeg’ acompanha-

das de uma pequena e alusiva legenda. Silva, ano de 1963, 8 de Setembro. Concluído o 2º ano do Curso Complementar dos Liceus (7º ano de então), iniciava-se o Noviciado, como a Tomada de Hábito,

de que a moldura apresentada é testemunho. Particularidade: falta um (o P. Agostinho Pereira) que voltava à Congregação depois de anos na Ordem dos Trapistas.



DEVANEIO

de caminhante solitário e solidário

A.F.

Nada começa em nós. Nada termina em nós. Carregamos, todos, o peso da história que antecedeu a chegada, quer a conheçamos ou desconheçamos. Somos a herança genética de quem nos precedeu, somos do lugar onde nascemos, onde fomos criados, onde chorámos as primeiras lágrimas, do sol que nos aqueceu ou do frio que nos enregelou. Seremos também do lugar onde choraremos as últimas lágrimas, a soma nunca con-

tabilizada das histórias que contamos, das que ocultamos, das que não conseguimos dizer, do que dizem por nós, e do que nos dizem. Somos sempre a história incompleta; somos a sombra e o sol dos dias. Somos como as estações do tempo, mas, as nossas, ocorrem em tempos diversos, com duração indefinida, sem nunca podermos saber o quando, o onde e o como. Se ousarmos interpelar o tempo, nunca nos dará resposta, tolerar-

-nos-á a seu lado como um tutor que nos abandonará sem hora marcada. É nosso ónus entender os sinais que nos for fornecendo durante a viagem; ninguém se afastará sem prestar contas. O prémio e o castigo já não serão da conta do tempo. Será da nossa? Nenhum de nós é o comandante do “Barco”. Apenas somos passageiros. Na bagagem levaremos apenas a mensagem do nosso tempo. E os segredos mudos de nós.

DE CARCAVELOS AO GUINCHO

(Continuação do Boletim nº 182)

A.M.

(...) No final do trajeto proposto encontra-se em lastimoso estado de ruína, aguardando obras de recuperação, o Forte do Guincho ou do Abano ou das Velas, que fica sobranceiro à praia do Abano e do qual se avista toda a praia do Guincho, a aguardar ventos favoráveis de requalificação.

Os restantes, recuperados, marcam na paisagem os seus contornos indeléveis e que não passam despercebidos da sua função e papel desempenhados em tempos da nossa história seiscentista. Assim, mencionamos agora os que ainda se mantêm de pé apesar de vicissitudes várias.

EM CASCAIS:

Torre de Stº António de Cascais, mandada edificar por D. João II. Para além da defesa ao acesso a Lisboa, servia de posto de vigia e de proteção ao porto da vila;

Forte ou Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, cujo reforço e ampliação se devem a Filipe I, com obras iniciadas no ano de 1594, para obviar às ameaças constantes da armada inglesa;

Cidadela de Cascais, projetada por Filipe I, mas não concluída, seria erguida no ano de 1691; e, um complexo fortificado onde se incluem a Torre de St.º António e a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz.

EM S. JOÃO DO ESTORIL:

Forte de S. João da Cadaveira ou de S. Teodósio, na parte elevada a oriente da Praia da Poça; construção iniciada em 1642. Silhueta bem delineada e visível do exterior; mas votado ao abandono.

Forte ou Fortaleza de Stº António da Barra, mandado construir por Filipe I, em 1586, para enfrentar corsários ingleses e holandeses, foi mandada ampliar e reforçar por D. João IV, em 1643, à entrada de S. João do Estoril, sobre a Marginal (3).

Forte de Nossa Senhora da Guia. A sua

rápida construção demonstra a grande importância estratégica deste forte, que, como indicado na lápide acima do portal, começou a ser erguido a 20 de Junho de 1642 e em 1646 já estava operacional. Funciona atualmente como Laboratório Marítimo da Guia, pertencente à Faculdade de Ciências de Lisboa.

Forte de S. Jorge dos Oitavos. O forte de São Jorge de Oitavos foi construído no ano 1641. Restaurado e recuperado conforme desenho de 1796, funciona como museu militar inaugurado em 2001 pela Câmara de Cascais, estando aberto ao público como Centro Interpretativo desde Fevereiro de 2009 (4).

Antes de ser feito o percurso que abaixo indicamos, este forte é digno de visita prévia para um melhor conhecimento dos aspetos relacionados com a construção desta (e outras fortificações) e do seu papel enquanto dispositivo militar, inserido no conjunto das muitas fortificações militares da defesa avançada da barra do Tejo, edificadas a partir de 1640.

Em resumo: os fortes construídos e/ou restaurados à época da Restauração da Independência apresentam características comuns:

- para defesa da barra do Tejo e da costa litoral adjacente de inimigos e piratas;
- de construção similar, planta retangular, obra do António Luís Menezes, Governador de Cascais;
- pequena volumetria, se grande adota o nome de fortaleza;
- equipados com peças de artilharia com recurso a fogo cruzado combinado com fortes próximos;
- entre a guarnição militar pontifica o artilheiro/ bombardeiro; alguns fortes com o paiol da pólvora;
- estrategicamente, em pontos altos para vigilância ou em enseadas para evitar desembarques.

Alguns, em estado de decrepitude e votados ao abandono; outros, a aguardar



intervenção imperiosa para que a memória de um povo não pereça na indiferença.

Para terminar, aqui deixo o itinerário a partir de Carcavelos para Cascais e Guincho seguindo o rumo geográfico no alinhamento dos meridianos para W: partindo da estação e descendo a Av. Jorge V se chega rapidamente à Estrada Marginal. Nas nossas costas, o Forte de S. Julião da Barra e o Forte de S. Lourenço do Bugio que versaremos noutras calendas que não as gregas.

Continuando para poente, de imediato deparamos com o que resta do que foi o Forte do Junqueiro, visível nas suas fundações; à entrada de S. João do Estoril, do lado esquerdo e na bifurcação da Marginal, aí está a Fortaleza de Santo António da Barra; chegados à Poça, convém fazer a pé um percurso (cerca de uma hora) pelo paredão que vai até Cascais, podendo ser observada uma série de fortes (vestígios ou que já foram substituídos), assim: no alto ao lado esquerdo da dita praia da Poça, o Forte de S. João da Cadaveira; por cima do bar da praia, o Forte de S. Pedro (o tal da Discoteca-Bar); prosseguindo, à entrada da praia do Tamariz, o Palácio Ramos em cima do que foi o Forte de Santo António do Estoril; frontal à praia, por trás das piscinas, o Forte de S. Roque transformado no Casal de S. Roque; passado que foi o Monte Estoril, na praia da Conceição, aí permanece o Palacete dos Duques de Palmela, onde outrora se erguia o Forte de Nossa Se-

(Continua na página 11)

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...Respostas Breves

Alberto Melo

ATRASO NA EXPEDIÇÃO do B182

Por motivos alheios à nossa conjugação de esforços surgem, por vezes, certos imponderáveis que não podemos contornar. Assim, pedimos desculpa a todos os nossos associados e leitores que recebem o UNIASES por via postal pelo atraso verificado na expedição/entrega: quase três semanas após a revisão das provas finais. Por via digital, em modo PDF, foi enviado a 8 de Julho, bem a tempo e em cima do acontecimento. Assim, uma vez mais, se apela a quem o pretenda receber por correio eletrónico que nos informe da sua vontade e nos comunique o seu endereço eletrónico (e-mail) evitando-se, assim, certos constrangimentos na demora da entrega. Uma vez mais, as nossas desculpas pelas falhas técnicas verificadas e não condizentes com este admirável mundo novo.

FACEBOOK

Recebemos com frequência pedidos de adesão ao Grupo UNIASES/Facebook, em boa altura criado pelo ex-secretário João Paulo Vilas Boas. Nem todos, de imediato, são satisfeitos devido à falta de pormenores e que reputamos de importantes para a consistência dos ficheiros a organizar. Na sua maioria, esses pedidos mostram-se incompletos pois não nos é indicado o endereço de correio eletrónico (e-mail) e números para contacto que julgamos essenciais.

Sem este esclarecimento a ação a tomar fica em suspenso, até que... De nossa parte, não esqueceremos.

Já agora, refiram-se os passos que desenvolvemos nesse processo de adesão: 1- verificação da sua existência no nosso ficheiro de antigos alunos; 2- recurso à Internet (Facebook) para captação de elementos; 3- se nada constar, envio de mensagem, via Facebook, informando da não satisfação do pedido por o Grupo ser fechado e dedicado aos antigos alunos do Espírito Santo; 4- caso contrário, ou é

aceite ou fica em espera até que sejam remetidos os itens em falta.

Há muito que é este o nosso procedimento. Recentemente, foram enviadas mensagens, para cumprimento do ponto 4- acima mencionado, a:

José Augusto Pereira de Sousa, Godim 74, - AS 1136

Arlindo Pereira Santos, Fraião 77, AS Dinis Silva Pereira, Fraião 85 – AS 637
Aguardemos, pois!

Anónimo

Não um anónimo propriamente dito, mas alguém que nos escreve terminando com uma assinatura indecifrável e que não conseguimos, sequer, adivinhar; mesmo assim, acusamos a receção e procuramos desvendar o mistério e dar uma resposta a uma carta franquiada na estação dos CTT de Cesar/Oliveira de Azeméis, em 22 de junho de 2016.

Pelo brevíssimo tempo que passei em Godim fiquei ligado à Congregação pelo coração. Neste pressuposto, estou preocupado com ela e permito-me apontar, de modo abrangente, para os ventos que sopram e lhe podem causar danos. É necessário e pertinente estar-se preparado.

Continua: compete ao Homem abandonar a poltrona onde está instalado, sacudir as vestes e partir em defesa da "Árvore" a fim de que esta não perca a verticalidade. (...) Fiel às suas raízes, produzirá os bons frutos de que a Humanidade tanto carece.

Uma clara maneira de lutar contra a indiferença, a começar por nós mesmos. Sabemos que a laicização global, o aceso anticlericalismo e a estratificação de conceitos e ideias, entre outros, são aspetos dessa onda que sopra contra. Disso, as altas esferas que conduzem os destinos da Congregação são conhecedoras e adotam as medidas necessárias para defesa dos princípios que sempre a nortearam e pelas quais se orienta. Neste contexto, surge a necessidade da viva comemoração do Jubileu dos 150 anos da

chegada da Congregação a Portugal, tempo propício para reflexão e adequação de projetos à realidade atual para fazer face aos desafios que se apresentam e se adivinham. Melhor do que nós, a Congregação (Provincial, seu Conselho...) saberá como atuar, indicando estratégias. A nós, compete-nos corresponder, colocando de lado a nefasta indiferença.

Idálio Augusto Silva

G45

Acabo de ler o artigo do Boanerges e como não me lembro dele, peço-te, caso seja possível, me digas de que ano ele era, pois fala no P. Joaquim A. Pinto, meu diretor do 2º ao 6º ano, e gostaria de saber de quem se trata.

Pelas minhas contas, julgo que ambos se encontraram no Fraião nos anos de 49/50 e 50/51, uma vez que o Boanerges é do Curso de 1948/49, em Godim, e seguiu para o Noviciado no ano de 54/55.

Claro que havia o muro virtual que marcava a fronteira entre pavilhões (Norte e Sul) que não permitia a intercomunicabilidade, antes aguçava uma certa rivalidade e afastamento, quando não, curiosidade.

Aproveito para pedir que me enviem os boletins anteriores ao 178, pois o meu computador antigo deu o "berro" e fiquei sem eles.

Suponho que o Tesoureiro já terá satisfeito o pedido. Nos tempos que correm, para obviar a charadas como a verificada (perda de documentação), nada melhor que a prevenção a começar pela aquisição de um computador com mais recursos/performance e capacidade de armazenamento. Convém não esquecer os 'backups'/cópias de ficheiros mais preciosos para uma 'pen', não vá o diabo tecê-las, a tecnologia tropeçar e os malfiteiros informáticos fazerem das suas.

Queixais-vos de falta de correspondência... Para a elaboração da "CORRESPONDÊNCIA" tudo nos serve. Não esperamos pelas missivas escritas mas socorremo-nos de tudo quanto possa

contribuir para adornar e preencher esta rubrica e, assim, lançamos mão às diferentes formas de comunicação: novas tecnologias (TIC) onde se incluem os 'e-mails' e redes sociais, bem como telefonemas e SMS. Apesar da variedade e facilidade de comunicação nos dias de hoje, é parco o recurso a tais facilidades por parte dos antigos alunos.

Quanto a contas... Claro que o Tesoureiro tratará da saúde de todos quantos desejem estar em dia nas suas obrigações de associados. Agradecemos a disponibilidade.

Um forte abraço "ESPIRITANO que estendemos a todos os antigos alunos e em nome dos quais devolvemos fraternalmente e do fundo do coração.

António Costa Furtado G46

Submetido a uma intervenção cirúrgica do âmbito ortopédico, já parece outro; hirtó e despenhado não se arrastando no andar e sem auxílio de muletas. A cirurgia opera maravilhas. Está, por enquanto, internado num Lar (Residência sénior) da Misericórdia de Cascais, em Alcoitão/Alcabideche. Animado, manda cumprimentos para todos, dirigindo a sua atenção para os residentes na área de Grande Lisboa com quem mantinha o contacto possível. Está aí para as curvas. Recebe visitas, atenção!

P. João da Costa Rego G47

Envia fraternas saudações pedindo

ao mesmo tempo desculpa pela ausência.

Aqui transmitimos o recado; compreendemos também a ausência por motivos de saúde que o limitam. Por nós, está bem desculpado.

O Tesoureiro agradece tão generosa migalha. Obrigado!

Eleutério Couto Oliveira G48

Estranhando o seu longo silêncio, indaguei junto de sua esposa sobre a situação, tendo-me sido comunicado que tinha sofrido forte abalo provocado por um não menos forte AVC que o deixou totalmente incapacitado.

Em ano da Misericórdia peçamos por ele. Aos companheiros de Lisboa recomenda-se uma curta visita. Ele irá apreciar o gesto de uma amizade que não é vã: na alegria e no sofrimento, sempre juntos!

João N. Gomes Ramos G48

Afastado dos nossos convívios por afazeres diversos e por constantes deslocações à Madeira, de onde é natural, estranhávamos o seu silêncio também, até que fomos informados por um dos seus filhos que tinha sido acometido de ligeiro AVC que o impedia de certos movimentos e que requeria muito descanso,

Semanas depois: uma chamada do próprio. Com voz pausada lá foi dizendo que tudo ou quase parecia estar a correr para uma progressiva recuperação e manifestou esperança em estar

no nosso meio lá para finais do ano. Cá te esperamos!

Em convalescença na Madeira.

P. Domingos Matos Vitorino G52

Acusando a receção do Boletim nº 182 que li com muito gosto e que agradeço do fundo do coração.

Como gostaríamos que assim acontecesse com todos os nossos leitores e dos nossos associados em particular.

Acabo de abrir o correio (estive ausente uns dias) e com muito gosto li o nosso UNIASES, que agradeço do fundo do coração.

Retribuímos... aquele abraço!

Timóteo Jorge Moreira G55

O testemunho que aqui nos deixa: O meu Professor, P. José Maria, é um expoente do pensamento filosófico e não só... É também um homem de humanidade e de amizade. De acordo, embora na altura pouco pescasse (eu) da filosofia e seus conceitos. Mais terra-a-terra, era dos que se pautavam pelo "primum vivere, deinde philosophari."

Anotamos a deixa: Irei estar em 22/10 em Alfena... Além de ti, esperamos e contamos formar um belo grupo a prestar contas de gratidão por tudo o que recebemos da Congregação, através dos nossos mestres, como o P. Zé Maria e outros...

Armando Ferreira da Silva V56

Homem dos sete ofícios e muitas andanças. Ora em Cabo Verde para as-

UMA VEZ MAIS... O ENVELOPE... QUE NÃO VAI

"AOS ADORMECIDOS.....OU ESQUECIDOS."

Dos 1 558 envelopes enviados em 2014 só nos devolveram uns 35...

A maior parte dos contributos tem vindo por

CRÉDITO EM CONTA:

CGD / CONTA 2008 038874 930

NIB 0035 2008 0003 8874 930 35

Se tens disponibilidade de umas migalhas, não esperes (para o mês de novembro).

Faz já a tua transferência ou manda o cheque – à ordem de UNIASES.

E envia para:

UNIASES

APARTADO 1098

4710-908 BRAGA

Precisamos de 6 500 € por ano para o nosso Boletim trimestral.

Felizmente que tem havido uma excelente (com) participação de muitos (são sempre os mesmos...) e que não gostaríamos de sobrecarregar com a aplicação de uma "taxinha" extraordinária...

Esta recomendação é também para os ASES que recebem o jornal por Internet...

A DIREÇÃO

suntos profissionais, ora sobrevoando o Atlântico de costa a costa (orla a orla) para deveres familiares, nunca esquece os amigos da UNIASES, sempre pronto a colaborar através de pertinentes ideias para uma maior visibilidade e afirmação da mesma.

Dá-nos conta da homenagem a promover pelo Pároco de Alfena e pela Congregação, a realizar-se em 22 de Outubro naquela localidade do concelho de Valongo, apelando a uma presença significativa dos ASES.

Para além da apresentação do livro FALAR, como corolário de uma trilogia que nos deixou o P. Zé Maria e de quem é admirador e entusiasta, aguça-nos o apetite, os ouvidos, aliás, com possível interpretação/audição de músicas/rapsódias de outros tempos, de compositores espiritanos. Para tanto, será preciso dar o corpo ao manifesto emprestando àquelas partituras vozes melodiosas.

Nos seus 96 anos na Congregação, grande parte como professor de muitos de nós, o Pe. José Maria é um símbolo da CSSp que assim homenageamos, transmitindo aos restantes membros da Congregação essa mensagem de gratidão e estima, escreve.

Em consonância com o mesmo diapasão, replicamos nós.

Rogério Silva Carmona **G56**

Correspondendo ao vosso apelo de falta de notícias envia extensa reportagem sobre as atividades do P. Cunha Duarte e de seu irmão, P. Afonso, ambos colocados em São Brás de Alportel, no Algarve, onde exercem o seu múnus pastoral ao par de atividades de índole cultural e social em prol dos 'sambrazenses'.

Na presente edição nº 183 do UNIASES, damos conta de parte dessa entrega ao povo que os acolheu sem esquecer a dedicação demonstrada à sua terra natal, Penafiel. (Ver Notícias Breves, Festa e Procissão do Corpo de Deus (resumo e apresentação do autor).

Guardamos, para possível e futura edição, o "currículo" do P. Cunha Duarte a inserir numa rubrica de personalidades/figuras, à semelhança das publicadas nos anos de 1980. Ficamos à es-

pera do repertório das publicações dos manos Zé e Afonso.

Não caiu em saco roto o nosso apelo. Obrigado pela participação.

Manuel António Pousa **G57**

Comunicou-nos que em breve irá ser lançado um livro, antologia de poesia portuguesa contemporânea com o título Entre o Sono e o Sonho, da Chiado Editora. Prazenteiro e ufano por ter sido um dos indigitados a participar dessa iniciativa ao lado de poetas hodiernos, dar-nos-á conta da página que lhe será atribuída e da qual faremos eco no nosso Cantinho da Poesia.

Arnaldo Afonso da Fonte **G61**

Sempre que recebe uma edição do UNIASES, este nosso companheiro tem sempre uma palavra de alento a transmitir, mesmo que o seu conteúdo não seja a sua praia. Compreendemos. Circunscrevo o meu bilhete, hoje, ao sentido agradecimento por haver recebido mais um UNIASES, agradecimento extensivo a todos os que continuam a contribuir para a sua feitura. Para o nosso Director - Melo - um abraço especial, a testemunhar o íntimo desejo de que a saúde e a vontade continuem a ajudá-lo a continuar. A todos os Ases, o meu fraterno abraço.

No que a mim diz respeito, agradeço o gesto e a preocupação demonstrada, na suposição da retribuição do fraterno abraço de antigos companheiros. Aguardemos por melhores dias. Uma miragem!

Carlos Fernandes Maia **V62**

Gostaríamos de dar a conhecimento público, entre nós, de toda a tua obra para além das já editadas sob a alçada da UTAD na coleção "Ciências Sociais e Humanas" que presumo serem de cariz científico-pedagógico.

Vou publicar um livro de poemas (o 3º e último)... Na devida altura e com certa antecedência (por exemplo no Boletim que faz a convocatória) seria bom ser feito o seu anúncio e a indicação de benefícios para a associação. A obra é de homenagem à minha querida esposa e contém 'uns versitos' que foram escritos entre 98 e 2015 - quase todos de 2012 a 2015, ano do seu falecimento.

Para mim será também uma forma de terapia de um choque que não deixará de se fazer sentir durante o tempo que me restar - que, espero, não seja muito. Dedicado como estás às causas filosóficas e da psicologia, nunca me passou pela ideia essa faceta de poeta. Aguardamos ansiosamente. Agradecemos, desde já, o teu nobre gesto em favor da UNIASES.

É certo que é muito difícil refazer a vida após um profundo choque pela ausência do ente mais querido. Tens os teus filhos(as) que não deixarão de estar a teu lado a ajudar-te na tua recuperação. Afinal, as forças vivas, de alguém que amaste e que partiu e que mantém viva a sua presença.

Desculpa o arrazoado que me assaltou a mente e que estejas entre nós por muitos anos até que Deus queira, como diz o nosso povo.

José Manuel Teixeira Rocha **G65**

Acabo de pedir a minha reforma antecipada da atividade que desempenhei durante quase 36 anos na Agência Abreu com a minha máxima dedicação.

Legítima pretensão, sem dúvida, no entanto recomenda-se ponderação não vá acontecer um chimbalau capaz de fazer tremer o mais corajoso. Há mecanismos para prever situações nem sempre abonatórias para uma qualidade de vida!...

Chegou, agora, a hora de ocupar o meu tempo com outras atividades bem diferentes mas com igual prazer (escrever, pintar, voluntariado e passear a pé à descoberta da bela cidade do Porto).

A passagem à reforma provoca uma sensação de liberdade (não há horários de obrigações laborais) e conduz-nos a momentos de lazer e prazer como os que enumeras. Nada de congeminções na ociosidade.

A todos vós agradeço a colaboração e a confiança; estou disponível para ajudar naquilo que souber e me for possível.

Agradecemos a generosidade da entrega e colaboração. A confiança é recíproca.

Por isso, até um dia destes... é provável que nos encontremos, inesperadamente, pois andamos por aí. Obrigado.

DE CARCAVELOS AO GUINCHO

(Continuação do Boletim nº 182)

A.M.

(Continuação da página 7)

nhora da Conceição; dominando a praia da Ribeira ou dos Pescadores ergue-se o palacete Seixas que abafou o Forte de Santa Catarina.

Na baía de Cascais, retomando o percurso com o recurso ao automóvel em direção à Cidadela, um pulinho, e ali estão a Torre de Stº António e Fortaleza de Nossa Senhora da Luz com a privi-

legiada panorâmica sobre a Marina e porto de pesca; prosseguindo a caminhada, uma passagem/visita pelo Farol de Santa Marta e seus encantos.

Depois, regressar ao estacionamento onde foi deixada a viatura e partir em direção ao Forte de Nossa Senhora da Guia, onde está assinalado o Laboratório Marítimo da Guia; o Forte de S. Brás

de Sanxete e o farol do Cabo Raso. Para completar o périplo, a estrada alonga-se na direção da Malveira da Serra com indicação do lado esquerdo de desvio, quase no seu início, com a indicação da praia do Abano; um estradão conduzirá à relíquia da construção militar: o Forte do Guincho ou do Abano, a aguardar eternas obras de recuperação.

(1) Vide artigo de João Montalvão Martins “Bachus me dicit”, Boletim UNIASES Nº 169, pág. 10-11

(2) Para saber mais, é aconselhável a leitura de As Fortificações Marítimas da Costa de Cascais de Joaquim Manuel Boiça, Maria de Fátima Barros e Margarida Ramalho, Quetzal Editores

(3) Nesta fortaleza sofreu, Oliveira Salazar, em 3 de Agosto de 1968, a fatal queda que o conduziria à morte, passado dois anos.

(4) Forte de S. Jorge de Oitavos: Abertura ao público de 3ª a 6ª feira das 10:00 - 17:00; sábado e domingo das 10.00 - 13:00 e 14:00 - 17:00; encerrado: 2ª feira e feriados. Entrada Gratuita

CANTINHO DA POESIA

(Em memória do Peredo - G55)

“LEMBRANÇA”

Sou menino usado e sem carinho
Da tua vaidade sou alimento
Sou flor caída no caminho
Sou estrela negra no firmamento

Mortalmente atingido
No teu colo aconchegado
Sou sorriso fingido
Sou amor apagado

Para o futuro sou memória
Sou incógnito, vã esperança
Sou o amanhã sem glória
Sou apenas uma lembrança

Paulo José Peredo – Godim 1955
(In ALGUÉM, Caderno de Poesia)

“ILUSÃO”

Procuro na mente obstruída
Pelas lágrimas de alguém chorando
Uma primavera ainda florida
Uma andorinha nos prados voando

À luz do sol permanente
Tua face resplandecia
Cobrindo teu corpo docemente
De calor, amor e magia

Paulo José Peredo – Godim 1955
(In ALGUÉM, Caderno de Poesia)

“DESPEDIDA”

Foste embora amigo
Que Deus vá contigo
Sê feliz junto dos teus
Adeus

Ninguém conheceu a causa do sofrimento
Que dia a dia se apossava de ti
Contudo eu vi
Que a dor em teu rosto estampada
Não era dor de momento
Nem tão pouco tua vida cansada
Era vida degradada

Paulo José Peredo – Godim 1955
(In ALGUÉM, Caderno de Poesia)

FESTA E PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS

Resumo do autor: P. Cunha Duarte

A festa e procissão do Corpo de Deus, a mais monumental e esplendorosa da Idade Média. Inicialmente era uma simples procissão religiosa e realizava-se em várias dioceses. Tudo começou com a visão da beata Juliana de Retinnes, Liège, Bélgica, em 1208.

O papa Urbano IV, em 1264, publicou a bula *Transiturus de hoc mundo* onde instituiu a festa do *Corpus Christi* para toda a Igreja, na quinta-feira depois da oitava do Pentecostes. A bula do Papa convidava o clero secular e regular, a nobreza e o povo de Deus a cantar com alegria louvores ao Senhor: «cante a Fé, a Esperança salte de Alegria e a Caridade se regozije». Todos cantavam e dançavam. A festa divulgou-se rapidamente pelas principais cidades da Europa. Sevilha dá-lhe o epíteto de *fiesta grande*. A procissão deveria ser triunfal em honra do Santíssimo Sacramento. Foi organizada de acordo com o espírito da época. Foi buscar às entradas triunfais dos reis e pessoas ilustres, e às procissões com relíquias, todo o aparato triunfalista.

A partir do século XIV, a procissão incorporou um cortejo com grupos de mesteres levando o patrono num andor ou bandeira, um entremez bíblico, uma dança quase sempre a condizer com o entremez.

O Concílio de Trento, no século XVI, decretou que se deveria fazer a procissão em toda a Igreja. Proibiu tudo o que era profano e os abusos existentes. As constituições dos bispados zelaram pela ordem, disciplina e dignidade da procissão para se cumprirem as normas tridentinas.

A pouco e pouco a procissão altera-se. Abria com um cortejo onde se incorporavam figuras alegóricas, animais que saíram dos entremezes bíblicos, como a serpe, dragão, diabos, pois eram do agrado do povo e atraíam muito público. Estes símbolos do mal, do demónio, fugiam à frente perante a presença de Cristo sacramentado.

À frente da procissão ia o cortejo com figuras gigantes como o São Cristóvão,

Golias e outras figuras bíblicas do agrado do povo. Os gigantones representavam os povos dos vários continentes que devem venerar o Santíssimo Sacramento. Pamplona, Burgos, em Espanha, ainda hoje apresentam gigantones que atraem milhares de pessoas à procissão.

Todas as festas principais tinham um bodo para os pobres. Na véspera da festa desfilava pelas ruas o boi bento. Recordava que Cristo veio substituir os sacrifícios antigos e que ele mesmo é a vítima imolada no altar da cruz. No fim, o animal ia para o matadouro e a carne distribuída aos pobres.

Na véspera da festa, a nobreza gostava de mostrar a sua importância. Realizavam-se desfiles, torneios, justas e jogos. As danças e bailes desfilavam perante a autoridade para terem licença de se incorporarem no cortejo.

Depois do desfile dos mesteres desfilava a nobreza, a cavalaria, as autoridades civis e militares e ordens de cavalaria. O clero e religiosos iam no fim da procissão, antes do pálio.

Mais tarde, os bispos através das constituições diocesanas zelam pela disciplina e eliminam tudo o que é profano ou indigno de uma procissão. A procissão estava regimentada para que todos soubessem o papel a desempenhar e o respetivo lugar. Como era obrigatória, havia coimas ou prisão para os faltosos. Muitas vezes intervinha o rei para sanar problemas locais. As ruas eram ornamentadas, consertadas e limpas.

O Estado de São Jorge, composto pelas várias irmandades com suas vestes de nobreza, aparece depois de 1387, altura em que São Jorge foi «promovido a general das nossas armas» pelo rei D. João I. Esta promoção deu a São Jorge o direito de receber um soldo pela patente militar. O Estado de São Jorge começou a integrar-se no desfile e é escoltado pelos melhores cavalos. Fazia a separação entre a parte profana e religiosa.

O Papa Paulo III, no século XVI, aprovou oficialmente a confraria do Santíssimo

Sacramento, «enriqueceu-a de graças e de privilégios» pela Bula *Dominus Jesus Christus* (30.11.1539), existente no convento de Santa Maria Sopra Minerva. A partir da sua aprovação canónica, todas as confrarias já existentes tiveram de adaptar os seus estatutos e pedir a sua oficialização a Roma. Mais tarde, será o bispo quem aprova os estatutos. De acordo com a documentação encontrada pelo autor do livro, Braga foi a primeira localidade portuguesa a oficializar a sua confraria já existente e obter a bula de aprovação, seis meses depois, em 4 de maio de 1540. Penafiel foi a segunda, em 13 de julho de 1540.

Na Época Barroca, os temas bíblicos, que outrora iam inseridos nas danças, começaram a desfilarem em carros gigantes intercalados pelas danças. Estas também tinham de desfilarem uns dias antes perante as autoridades para terem autorização. O mesmo aconteceu com os autos sacramentais. Com o tempo, paganizaram-se e foram suprimidos da procissão. Todas as cidades levavam um carro triunfal com o padroeiro da cidade ou outro personagem ilustre. Em Portugal, a parte apelidada de profana encerrava com o desfile do Estado de São Jorge que levava a dama e o dragão junto de si.

A procissão monumental, no fim do século XVII, testemunhava o poder da Igreja Católica e nela se incorporavam com pompa as autoridades civis e militares, o clero, a nobreza, os grémios, grupos mestreiros, confrarias, irmandades, as paróquias e o povo cristão. Não havia espetadores, pois todos participavam na procissão.

Em Portugal, D. João V, rei em 1706 e por 44 anos, com o prestígio semidivino da realeza, alterou profundamente a procissão. Afastou tudo o que era profano. Lisboa começou a realizar uma das mais esplendorosas e monumentais procissões da Europa. Era a «Procissão do Triunfo» como ele a apelidou. Era a festa real.

A procissão abria com as cruces paroquiais, figuras bíblicas, irmandades,

clero secular e regular e altos dignatários do clero e nobreza. Junto do pátio iam as tochas a iluminar o Santíssimo Sacramento. Em diversas cidades da Europa iam milhares de tochas acesas e centenas de lanternas. Havia várias paragens para se descansar, representar e rezar.

A cidade de Penafiel conserva, no século XXI, algumas destas tradições de raiz medieval, como a serpe, o boi bento, as danças ou bailes, as figuras bíblicas, o carro triunfal, o Estado de São Jorge, as cruzes paroquiais, as irmandades e confrarias. Segue-se o pátio onde normalmente um bispo da diocese do Porto

preside à procissão. Esta sobe ao Monte do Sameiro de onde se dá a bênção a toda a cidade.

Penafiel poderá alimentar o sonho para que um dia esta festa e procissão sejam declaradas Património Cultural Imaterial. Seria uma riqueza para aumentar e valorizar o nosso turismo religioso....

O LIVRO: CORPO DE DEUS FESTA DO TRIUNFO EUCARÍSTICO

Apresentação do autor

Rogério Carmona



A vida do Padre José da Cunha Duarte e do Padre Afonso correm sempre como as linhas de um comboio numa planície. A perspectiva do ponto de fuga não lhes distorce a identidade: aproximam-se lá ao fundo, mas são autónomos e são complementares ao mesmo tempo. O Padre Afonso “circula nas filosofias e nos arquivos históricos mais densos como enguia lustrosa na água limpa de um tanque”, como diria Eça de Queirós. Nasceu para ser investigador.

O Padre José também vai aos arquivos, mas gosta mais da Praça, dá tudo pelas pessoas, fá-las despertar, cria-lhes apetites pela música e constrói a academia de ensino do acordeão e publica livros sobre a música no Barrocal. Se do contacto com as pessoas na serra algarvia lhe saltam para a mão os artefactos tradicionais de utilização no quotidiano, aparece sempre alguém que lhe diz que tem um palácio à disposição para armazenar objectos do artesanato da serra: carroças, charretes, instrumentos de lavoura, de música, etc. Se lhe dizem que há uns trajes antigos no fundo da arca lá de casa, isso é como perguntar

a um surdo se quer ouvir!... aceita tudo isso e o palácio oferecido por gente benemérita assim se encheu como a Casa da Cultura António Bentes em 1987, se organizou e institucionalizou, como o Museu do Traje de São Brás de Alportel, isto é, o Padre José cartografou as realidades sociais e culturais da serra e plasmou-as no seu museu activo. Ele mesmo fez em 1991 um belíssimo texto sobre o trajar do povo português, em geral e do algarvio em particular.

A tradição para o Padre José é uma carta patrimonial, vai ao terreno e aí a sua veia pelo teatro extravasa. Penafiel, com a sua tradição da procissão do Corpo de Deus, na minha opinião, foi um vírus que o minou no bom sentido: em jovem, no seminário como estudante, criou bandas de música, actuou no palco, encenou; em São Tomé e Príncipe, como capelão militar, organizou e realizou festivais de teatro e de música. Em São Brás de Alportel vai marcar o dia de Páscoa com a celebração da Procissão num acontecimento único a nível nacional e a TV e imprensa faz-se eco dela: vale a pena ir a São Brás de Alportel no Domingo de Páscoa e assistir ao desfile das tochas floridas.

Todas estas ocupações dão-lhe tempo para o múnus sacerdotal, o seu empenho vocacional? Lembrem-se de uma coisa: quando precisarem de alguém para ajudar ou colaborar não o peçam a alguém desocupado... peçam a alguém que tem muito que fazer, porque esse alguém tem sempre um espacinho dis-

ponível. O Padre José e o Padre Afonso fazem tudo o que há a fazer na paróquia: visitam os doentes, administram os sacramentos, tomam a peito a Misericórdia de São Brás, colaboram com as autoridades eclesiais e civis, constroem capelas pela serra algarvia para a catequese e o culto divino e sobretudo atendem, falam, comunicam, ouvem as pessoas. Se querem ver o Padre José feliz é vê-lo no meio das pessoas.

O Padre José não nasceu iluminado. O conhecimento é adquirido e construído com método e trabalho intelectual de aprendizagem nos bancos da escola e do seminário. A partir daí é o *laborando fit faber*. Em 1997/98 numa licença sabática do múnus pastoral fixa-se em Paris, embrenha-se no Musée National des Arts et Traditions Populaires. Aí o vírus toma conta dele e até se esquece das horas de almoço quando se trata de explorar as tradições populares sobretudo a partir da Idade Média. E mesmo quando se desloca a Lisboa, o Rossio ou os Restauradores não existem, porque para ele o centro de Lisboa é a Torre do Tombo e a Biblioteca Nacional.

É o fruto deste trabalho que estamos hoje a apresentar aqui com a simpatia da Câmara Municipal de Penafiel neste lindíssimo Salão dos Ofícios do Museu Municipal e cuja mesa está, para surpresa de todos, tão bem acompanhada pelos actores que ontem estiveram na Procissão do Corpo de Deus com a encenação da Última Ceia de Cristo.

O livro *CORPO DE CRISTO – Festa do Triunfo Eucarístico* – Obra de 417 páginas, edição da Casa da Cultura António Bentes – Museu do Traje, ao preço de 20,00 Euros, pode ser encomendado à UNIASES (Direção) que encaminhará o respetivo pedido para quem de direito.

O ESPÍRITO SANTO E EU

Disciplina: Castigos, Incentivos & Capítulos

(Continuação do N° 182)

Boanerges F. Borges

INCENTIVOS

Perante a grandeza e a riqueza dos castigos nos aspetos disciplinares, os incentivos certamente irão configurar uma pobreza espartana. De facto, parecia partir-se do princípio de que um projecto tão grandioso como era o de formar futuros representantes de Cristo na terra, que iriam para terras longínquas civilizar povos e apascentar as suas almas, guiando-as nos caminhos da salvação, não necessitaria de outros incentivos.

Mas os responsáveis da congregação sabiam melhor do que ninguém que a carne é fraca e, por isso, lançavam mão dos incentivos que era habitual usar-se em quase todos os estabelecimentos de ensino. As notas eram de 1 a 10. No final de cada trimestre fazia-se uma prova escrita e publicavam-se as respetivas notas. No último trimestre havia exames escritos e orais, podendo-se dispensar destes se a nota do escrito fosse alta, não posso agora precisar quanto. Também não consigo recordar os elevados parâmetros estabelecidos para se fazer parte do quadro de honra, que ficava pendurado no átrio, junto à porta da sala de aula, durante o trimestre seguinte ao da prestação das provas.

E quem é que não queria fazer parte do quadro de honra? Seguramente, toda a gente se esforçava para lá ter o seu nome inscrito, mas, na prática, havia mais ou menos 3 categorias de alunos, no que respeitava ao quadro de honra: - a maioria, nunca lá chegava; - uma pequena minoria, tinha lá o seu nome quase em permanência; - uma quantidade razoável aparecia lá de vez em quando.

Este era praticamente o único incentivo visível, para estimular o aproveitamento escolar. Quanto ao comportamento, pode-se afirmar, sem medo de desmentidos, que quer o ambiente geral de organização, silêncio e recolhimento, assim como as práticas religiosas, constituíam um incentivo permanente para que os alunos se comportassem de forma aceitável e a condizer com a futura missão que os esperava. Não esqueçamos que, como em tudo na vida, havia exceções.

O único incentivo que verdadeiramente sobressaía era a tomada de hábito. Por

via de regra, os alunos passavam a usar o hábito da congregação no 6º ano, na sequência de uma bonita cerimónia realizada na igreja, no dia 8 de Dezembro, se bem me recordo, perante toda a comunidade. Havia duas excepções: - a primeira era por antecipação, para os alunos que passavam para o 5º ano com notas suficientemente altas para ficarem no quadro de honra e tinham comportamento que era considerado exemplar, juntando-se, para este efeito, aos do 6º ano; - a segunda era para alunos do 6º ano que tinham problemas de vária ordem e sobre os quais a direção mantinha reservas, levando-a a adiar por mais uns tempos a tomada de hábito, salvo erro até à festa do Pentecostes. Como é de calcular, este escreva, ao passar por entre a chuva, molhou-se, isto é, fiquei no quadro de honra após os exames do 4º ano, mas fui cortado para a tomada de hábito antecipada, devido ao meu comportamento pouco exemplar.

A tomada de hábito era um acontecimento de enorme relevância na vida dum seminarista da congregação. Funcionava como uma segunda admissão, mas muito mais visível, consciente e comprometedor do que a primeira, no primeiro ano de Godim. Ao dar-lhe um hábito que só os membros da congregação usavam, numa cerimónia pública e solene, transmitia-se ao aluno, sem dizer palavra, uma fortíssima mensagem: - ao longo destes poucos anos em que nos conhecemos, ficamos a saber que tens as condições para poderes ser um dos nossos e acreditamos que podemos confiar em ti; por isso te destacamos dos restantes e te convidamos a vestir como nós, com as inerentes consequências.

Por sua vez, o jovem seminarista, ao aderir e aceitar usar o hábito, implicitamente estava a assumir o compromisso de o honrar em todas as circunstâncias e prosseguir no caminho da perfeição.

Os hábitos eram idênticos aos conjuntos usados pelos padres diocesanos: - batina, cabeção, romeira e barrete, uma espécie de tricórnio para usar nas cerimónias religiosas. Tinha como único elemento distintivo um enorme cordão preto com uma borla em cada ponta. O

cordão era dobrado ao meio e usava-se por cima da batina, como se fosse um cinto, apertado por um nó peculiar sobre a anca esquerda, deixando cair as pontas com as borlas, até à fímbria da batina. Certamente não foi concebido com essa intenção, mas a verdade é que conferia uma certa elegância ao conjunto, por aconchegar a batina e adelgaçar a cintura de quem o usava.

A congregação oferecia dois conjuntos de hábitos. Um para usar no dia-a-dia, feito com tecido semelhante a sarja grossa, e um outro, de fazenda, para usar nas saídas em passeio e nas festividades religiosas importantes. Os hábitos eram confeccionados com bastante qualidade pelos irmãos leigos que trabalhavam na oficina de alfaiataria existente no seminário, onde os alunos se deslocavam para tirar medidas e fazer as necessárias provas.

A partir da tomada de hábito, era obrigatório o seu uso permanente, sendo despedido só para dormir ou realizar alguma actividade que ele, de todo, impedisse. Os seminaristas com hábito usavam sobrepeliz branca durante as cerimónias religiosas e faziam parte do coro que ficava imediatamente atrás do celebrante, ficando metade do lado esquerdo e a outra metade do lado direito, voltada uma para a outra e com o corredor de passagem a separá-las. Entravam em cortejo a preceder o celebrante e, no final, seguiam-no, igualmente em cortejo. É evidente que todo este mecanismo tinha um impacto bastante importante como apelo motivacional no espírito dos seminaristas, cujo número tinha sido drasticamente reduzido: - o grupo de 82 que iniciara o 1º ano em Godim, nesta altura devia estar reduzido a dezena e meia de alunos e mais cortes se previam na passagem pelo noviciado, que se aproximava a passos largos. É de supor que neste número, já tão reduzido, a maioria estava sinceramente interessada e empenhada em atingir o sacerdócio e o facto de passar a usar um distintivo tão significativo e visível, como era o hábito, tinha muito peso, pela positiva ou pela negativa.

(Continua no próximo n.º 184)

NOTÍCIAS TRISTES ...



IRMÃO JÚLIO FERREIRA LOPES

Natural de Sequeade, Barcelos, onde nasceu a 4 de julho de 1924. Enviuvou em 1973.

A partir de 1977, ia passar algumas semanas no seminário de Fraião para dar uma ajuda nos trabalhos da quinta, nomeadamente, da vindima; depois era o regresso a casa/paróquia onde ajudava o Pároco como Catequista e Ministro da Eucaristia, que sentia a sua falta na colaboração pastoral. Sempre que voltava ao Fraião, no contacto com os Espiritanos ia aprofundando a sua vocação, alicerçada no carisma espiritano, com o apoio de alguns irmãos já professores.

Uma vocação tardia. Entrou no Noviciado do Espadanido/Fraião (Obra dos irmãos), onde fez a sua primeira profissão em 1 de outubro de 1989, para, em 18 de julho de 1992, fazer os votos perpétuos.

A sua Missão desenrolou-se por diversos serviços na Silva e no Fraião. Uma vida longa, abnegada e humilde, sempre bem disposto e disponível para quanto estivesse ao seu alcance.

Partiu ao fim da tarde de 29 de agosto de 2016, com 92 anos (no Fraião) deixando-nos o belo testemunho de quem sempre viveu a sério a sua consagração religiosa na Congregação do Espírito Santo.

Sentidas condolências à Congregação e a seus familiares. Que o Senhor os acolha em seu seio de Vida eterna!

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de "falecido", tivemos conhecimento do óbito de:

AS 1784 – Paulo José Peredo

Natural de Grijó/Macedo de Cavaleiros, onde nasceu em 11 de Fevereiro de 1944, faleceu vítima de doença cancerígena prolongada no dia 7 de Maio de 2016, em Sacavém/Loures, onde residia, com 72 anos. Era reformado da TELECOM. Do Curso de 1955/56, em Godim.

AS 1011 – Joaquim Gomes Moreira de Sousa

Nascido em 28 de Junho de 1938, em Grijó/Vila Nova de Gaia, faleceu, após doença prolongada, a 12 de Agosto de 2016, com 78 anos. Foi Chefe da Secretaria e Professor no Colégio dos Missionários do Espírito Santo em Nova Lisboa/Huambo. Foi a sepultar no Cemitério de Grijó/Vila Nova de Gaia. Do Curso de 1951/52, em Godim.

AS 851 – Henrique Coelho Amorim

Natural de Paços Brandão/Santa Maria da Feira faleceu, após doença prolongada, nos Açores, em casa de um seu filho, médico, em 3 de setembro de 2016, com a idade de 92 anos. Era irmão do P. José Coelho Amorim, Superior da Comunidade de Coimbra. Do Curso de 1939/40, na Silva.

Esteve sempre na linha da frente dos destinos da UNIÃO dos ASES, sendo esteio nos conturbados tempos por que passou a Associação até à sua constituição como pessoa coletiva no ano de 1985.

Integrou o elenco diretivo, nomeadamente em 1983, sendo Presidente Timóteo Moreira e Diamantino Oliveira, o Vice-presidente.

QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMES A TODOS OS FAMILIARES.

TESOURARIA

JULHO / SETEMBRO 2016

N.º	Nome	Conta	Montante	N.º	Nome	Conta	Montante
133	Alfredo Alexandre C.S.Oliveira	QUOTAS	40,00 €	2637	Jose António Santos Pereira	QUOTAS	30,00 €
136	Alfredo João Marinho Oliveira	QUOTAS	20,00 €	2439	Luis Candido Nobre	QUOTAS	50,00 €
327	António José Sarmento Dias	QUOTAS	30,00 €	2008	Manuel Gonçalves Cunha	QUOTAS	10,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	QUOTAS	20,00 €			TOTAL	470,00 €
702	Ernesto Rodrigues Gomes	QUOTAS	40,00 €	DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"			
713	Fausto Jesus Pereira	QUOTAS	30,00 €	Distribuídos até 30-09-2016		372	7.440,00 €
896	Jaime Paiva Frutuoso	QUOTAS	100,00 €	Ofertas		51	0,00 €
923	João Costa Rego Pe.	QUOTAS	80,00 €	Para distribuição		97	
1025	Joaquim Lopes Oliveira	QUOTAS	20,00 €				

Editora MAAES - CROWDFUNDING

CONTA PT50 0033 0000 0068 0248 1970 5

(EXTRATO 3)

N.º	Data	Descrição	Valor €	DISTRIBUIÇÃO LIVROS AMAR		
		Saldo anterior (Uniases 181)	3.420,98 €	87	Distribuídos até 16-09-2016	1.044,00 €
20	31-07-16	Anónimo amigo	350,00 €	51	Ofertas do Autor	
		SALDO	3.770,98 €	67	Consignação Pe. José Maria + Armando	
				295	Stock LIAM	

ESTANTE PADRE ALÍPIO DE FREITAS

Joaquim Moreira



O acaso é sempre qualquer. O acaso me levou um dia a uma longa

reportagem da RTP 2, um filme de Tiago Afonso, A CAUSA E A SOMBRA. Agora, as famigeradas 'novas tecnologias' aplicadas à televisão permitem, mesmo aos menos afeitos, seleccionar programas já emitidos no âmbito de uma semana, fora gravações, uma enormidade para escolher. Aquele título lembrava Raul Brandão, O Gebo e a Sombra, mas ainda bem que fui ver. Tratava-se de memórias do ex-padre Alípio de Freitas que, como padre, fora parar ao Brasil em 1957 e por aquelas terras largas seguiria uma trajectória a vários títulos singular. Pareceu-me bem trazê-lo a esta Estante, pretexto também para algumas memórias relacionáveis, sempre a memória, companhia fiel e quase sempre benfazeja e doce.

Alípio de Freitas é transmuntano, fez-se padre como muitos rapazes do seu tempo, manifestou desde cedo a sua "paixão" pelos pobres, contra a miséria humana, contra a opressão, contra a injustiça. Em 1957, já padre, por motivos que ignoro mas que não devem andar longe da vontade de uma liberdade maior que a igreja de cá não dava para o serviço dos pobres, deixou Portugal, emigrou para o Brasil, começando pelo Nordeste, pelo Maranhão, S. Luís do Maranhão, quem sabe se atraído pelo carisma do padre António Vieira que ali, um belo dia, em guerra aberta com a exploração colonial feita a índios e a escravos, pronunciara o famoso sermão de santo António aos peixes, os tais que até se comiam uns aos outros, os maiores aos mais pequenos, retirando-se de seguida ele, Vieira, para Portugal, antes que fosse tarde. A reportagem segue um caminho sóbrio, linear, centrada sobretudo nas memórias de Alípio de Freitas mas também nos depoimentos-memórias de duas mãos cheias de antigos companheiros e companheiras de luta. Porque a miséria do nordeste brasileiro lhe tinha aparecido ainda pior que a do transmuntano, cedo

se associou a quem já ali lutava pelos camponeses e desfavorecidos em geral. A curto prazo liderava. Fundou mesmo novas associações, o Partido Revolucionário dos Trabalhadores, por exemplo. Em breve teria de romper com a Igreja e também com a fé, a sua fé passou a ser a luta contra a injustiça social e, pela mesma altura, contra a ditadura militar que em 1964 se instalara depois da breve primavera política de João Goulart, por acaso a 1 de abril, a ditadura, não por engano mas para mais de vinte anos de censura, perseguição, tortura, exílios vários. Foi também nessa década de 60 que Hélder Câmara, Dom bispo de Olinda e Recife, era por cá vitoriado como exemplo de denúncia e, aparentemente, de luta contra a miséria no Nordeste, e nós, os seminaristas, sempre sensíveis a coisas bonitas, até gostávamos daquela figura teatral, a cair para o anão, braços abertos, palavra fácil, ideias brilhantes, luminosas, ecuménicas, escatológicas, vinha tudo mesmo a calhar, faltou-lhe eventualmente um bocadinho assim para Nobel da Paz, e a Pacem in Terris já tinha sido publicada urbi et orbi por João XXIII, 13 de abril de 1963, dois meses antes de morrer e de deixar para Paulo VI a continuação do Vaticano II, outras guerras, outras encíclicas, outros textos.

Em 1970 Alípio foi preso e naturalmente torturado. Ele descreve tudo isso muito bem, serenamente, elegantemente, por menores vivos, quase fotográficos, a distância ajuda e ele sabe que o seu testemunho é importante mesmo cinquenta anos depois. Resistiu activamente à tortura, a tentação de desistir, tinha que ir até ao fim, "comeu" mas não calou, optando antes por insultar de todas as maneiras e feitos aqueles torturadores de meia tijela enviados pelo Exército; mas também conversando, como que pregando o evangelho da justiça e da verdade, restos preciosos do padre enviado a ensinar. Uma sua companheira de luta descreve-o no documentário como prisioneiro exemplar mas também como homem capaz de ser malcriado e violento. Mas mereceu uma canção de José Afonso, no álbum "Com as Minhas

Tamanquinhas" de 1976, "homem de grande firmeza", cantou o Zeca. A verdade é que Alípio, preso durante quase uma dezena de anos, até 1979, acabaria ganhando a admiração geral, colegas de prisão, colegas de luta, e mesmo os vários guardadores da sinistra ditadura. Ele fora professor no Maranhão e continuava viva, agora no Rio de Janeiro, a sua auréola de "o Professor". Uns anos depois do nosso 25 de abril regressaria a Portugal, não sem antes de umas temporadas no Moçambique de Samora Machel

Agora, na casa dos oitenta, a entrevista serena, a homilia perfeita, a derradeira lição do Professor, o repouso do herói. Dá gosto vê-lo e ouvi-lo, colhendo de alguma maneira os louros de uma carreira, mas anunciando que é preciso continuar vigilantes, repouso activo, contribuir sempre e dentro do possível para a melhoria do mundo. Ficaram para trás, evidentemente, sonhos de juventude que exigiam nada menos que salvar o dito mundo. Tantos foram os padres, nossos ou nossos conhecidos que se calhar também sonharam salvar o mundo e hoje se recolhem resignados, quicá "vencidos", a vida dá muitas voltas. Ocorrem-me alguns, o padre Salvador Cabral que nunca parou de lutar e partiu tão novo; o padre Mário "da Lixa" que, embora com "horário zero", continua agarrado ao "padre" que um dia foi, lutando contra os seus moinhos de vento; o padre Felicidade Alves, lenda de ante 25 de abril, que lutou abertamente com a gloriosa cerejeira patriarcal de Lisboa e acabou no estado laical, casado mas a defender candidamente em grosso volume a historicidade de Jesus; e outros que bem conhecemos e que andam por esse mundo mais ou menos esquecidos, uns com fé outros sem, nomes que agora até acho melhor não citar, perdão, não esqueçamos o padre Joaquim Alves Correia. Também há ainda quem ande por aí com pedras na mão, guerras perdidas, normalmente já sem força para atirar a primeira pedra.

Por estas e por outras, vida longa para Alípio de Freitas.

UNIASES - CGD - BARCELINHOS
NIB 0035 2008 0003 8874 930 35 | CONTA Nº 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...
No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º _____

UNIASES :
Apartado 1098 4710-908 BRAGA
ases@portugalmail.pt

Presidente:
969 690 551 | 214 445 827
alberto.r.melo@netcabo.pt

Tesoureiro:
919 441 970 | 253 951 257
cunhapintobraga@sapo.pt